

PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA: MULHERES SURDAS BRASILEIRAS E OS DESAFIOS DE SUA EDUCAÇÃO¹

Cleide Emília Faye Pedrosa (UFS, Universidade de Lisboa)
cleidepedrosa@oi.com.br

RESUMO

Não se pode negar que a discussão sobre o problema da mulher ocupa gradualmente, nas últimas décadas, lugar de compromissos, não apenas das agendas governamentais, mas também acadêmicas (FONTANA, FERRARI, 2017). Programas sociais e projetos acadêmicos responderam a essa demanda. Todos esses compromissos provocam mudanças sociais e também são resultados de mobilizações sociais tão bem trabalhadas pelos fundamentos teóricos da análise crítica do discurso (FAIRCLOUGH, 2008; RESENDE, 2017), principalmente por sua corrente brasileira – abordagem sociológica e comunicacional do discurso – ASCD (PEDROSA, 2016). Nossa pesquisa na UFS (Universidade Federal de Sergipe, Brasil) prioriza grupos vulneráveis, incluindo a comunidade surda. Assim, com base nas narrativas da vida e no texto introdutório do *Currículo Lattes* dessa comunidade, daremos um exemplo de cada gênero, especificamente, de mulheres surdas, a fim de proceder a análise, numa perspectiva metodológica de pesquisa qualitativa. Além dos caminhos de análise, usaremos a proposta da socioanálise da sociologia para mudança social (SMS). Os resultados buscam responder ao objetivo geral de verificar como as narrativas da vida demonstram as decepções e vitórias da comunidade surda em relação à sua educação.

Palavras-chave: Análise crítica do discurso. Crítica feminista. Mulheres surdas

RESUMEN

No se puede negar que la discusión sobre la problemática de las mujeres ocupa, gradualmente, a lo largo de las últimas décadas, lugar de compromisos no sólo de agendas gubernamentales, sino también académicas (FONTANA, FERRARI, 2017). Los programas sociales y los proyectos académicos han respondido a esta demanda. Todos estos compromisos ocasionan cambios sociales y son al mismo tiempo también resultados de movilizaciones sociales que son tan bien trabajadas por la base teórica del análisis crítico del discurso (FAIRCLOUGH, 2008, RESENDE, 2017), especialmente a través de su corriente brasileña – análisis sociología y comunicacional del discurso – ASCD (PEDROSA, 2016). Nuestra investigación en la UFS (Universidad Federal de Sergipe, Brasil) prioriza a grupos vulnerables, entre ellos, la comunidad sorda; así, a partir de narrativas de vida y texto introductorio del *Currículo Lattes* de esta comunidad, recordaremos un ejemplo de cada género, específicamente, de mujeres sordas a fin de

¹ Este artigo é uma versão com algumas alterações do artigo: “Construção da identidade interseccional: uma análise crítica do discurso sobre mudanças sociais e discursivas de/para mulheres surdas”.

proceder al análisis con base metodológica de la investigación cualitativa. Además de caminos de análisis, utilizaremos la propuesta de la socioanálisis proveniente de la sociología para el cambio social (SMS). Los resultados pretenden alcanzar el objetivo general de verificar de qué forma las narrativas de vida demuestran los desengaños y las victorias de la comunidad sorda en cuanto a su educación.

Palabras clave: Análisis crítico del discurso. Crítica feminista. Mujeres sordas.

1. Introdução

Discussão sobre grupos vulneráveis tem ocupado a agenda de várias propostas acadêmicas e governamentais na atualidade. A problemática das mulheres ocupa, gradativamente, ao longo das últimas décadas, lugar de compromissos nestas agendas (FONTANA & FERRARI, 2017). Esses compromissos têm gerado mudanças sociais e são, ao mesmo tempo, também resultados de mobilizações sociais que são tão bem trabalhadas pela base teórica da análise crítica do discurso (FAIRCLOUGH, 2008; RESENDE, 2017), especialmente, através de sua corrente brasileira – análise sociológica e comunicacional do discurso – ASCD (PEDROSA, 2016).

Nossas pesquisas na UFS (Universidade Federal de Sergipe, Brasil) priorizam alguns desses grupos vulneráveis, entre eles, a comunidade surda; assim, a partir de narrativas de vida e de texto introdutório do *currículo lattes* desta comunidade, recortaremos um exemplo de cada gênero, especificamente, de mulheres surdas, a fim de proceder à análise com base metodológica da pesquisa qualitativa.

Como caminhos de análise, utilizaremos a proposta da socioanálise advinda da sociologia para a mudança social (SMS). Os resultados, pretendem atingir o objetivo geral de verificar de que forma as narrativas de vida e o texto introdutório do *Curriculum Lattes* demonstram os desengaños e as vitórias da comunidade surda quanto a sua educação.

A configuração deste texto é a seguinte: a análise crítica do discurso (ACD) e sua articulação com grupos vulneráveis, dando destaque à mulher surda; uma breve apresentação da análise sociológica e comunicacional do discurso; um tópico de análise, contemplando as mulheres surdas brasileiras e as práticas de resistências em sua educação; e por fim, a (in)conclusão: ainda temos caminho a percorrer.

2. O posicionamento crítico da análise do discurso e os grupos vulneráveis

A análise crítica do discurso (ACD) se configura como uma área de estudo que se compromete politicamente em favor dos perdedores. Assim, os pesquisadores fazem questão de desenvolver projetos que se engajem socialmente com os grupos que são injustiçados socialmente.

Ser mulher, em quase todas as sociedades, sempre foi sinônimo de subserviência, tanto que a ONU, em 2010, cria ONU Mulheres e se pronuncia com os Princípios de Empoderamento das Mulheres. Esses princípios, são algumas considerações que orientam a comunidade empresarial a valorizar práticas que busquem a equidade de gêneros como também, empoderar as mulheres.

Abaixo os sete princípios de empoderamento das mulheres, disponíveis em <<http://www.onumulheres.org.br/referencias/principios-de-empoderamento-das-mulheres>>, acessado em 05/09/2019):

1. Estabelecer liderança corporativa sensível à igualdade de gênero, no mais alto nível.
2. Tratar todas as mulheres e homens de forma justa no trabalho, respeitando e apoiando os direitos humanos e a não-discriminação.
3. Garantir a saúde, segurança e bem-estar de todas as mulheres e homens que trabalham na empresa.
4. Promover educação, capacitação e desenvolvimento profissional para as mulheres.
5. Apoiar empreendedorismo de mulheres e promover políticas de empoderamento das mulheres através das cadeias de suprimentos e marketing.
6. Promover a igualdade de gênero através de iniciativas voltadas à comunidade e ao ativismo social.
7. Medir, documentar e publicar os progressos da empresa na promoção da igualdade de gênero.

A ONU Mulheres agrega também os setores:

Divisão para o Avanço das Mulheres (DAW); Instituto Internacional de Pesquisas e Capacitação para o Progresso da Mulher (INSTRAW); Escritório de Assessoria Especial para Questões de Gênero e Promoção da Mulher (OSAGI); Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM). (NORONHA, 2017, p. 25-26)

No Brasil, a Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), criada em 2003, um órgão da Presidência da República, tem como objetivo

fundamental “promover a igualdade entre homens e mulheres e combater todas as formas de preconceito e discriminação herdadas de uma sociedade patriarcal e excludente.” Sua luta é por posições mais justas, democráticas, equitativas, buscando a valorização da mulher através de sua inclusão no processo de desenvolvimento em todos os âmbitos: econômico, social, político e cultural.

Esta secretaria, em março de 2016, realizou a Consulta Nacional com o objetivo de identificar as principais necessidades das mulheres deficientes. Entre as mulheres deficientes, as surdas se fizeram presentes.

Gladis Perlin e Shirley Vilhalva (2016), professoras e escritoras surdas, participantes da convocação, relatam vários aspectos desse encontro. Entre eles, trago os resumos abaixo a fim de acompanhar o Ser mulher Surda.

Os problemas foram elencados a partir do próprio nascimento da menina surda que, na maioria das vezes, fica trancada em casa, sem visibilidade social; outras vezes, esse trancamento envolve superproteção da família. Esse aspecto é mais gritante com as surdas do interior, elas ficam sem acesso à educação e ao trabalho. E mesmo quando recebem educação, essa tende a inferiorização.

“Muitas vezes a sociedade continua com a educação colonialista sobre a mulher surda sem noção de sua diferença”, enfatizam Gladis Perlin e Shirley Vilhalva (2016). Não há reconhecimento da língua e, cultura. Não há reconhecimento do que é uma mulher surda. “Os relatos de experiências tristes se acumulam” e “a falta de tradução para a língua de sinais acontece em diversos espaços, como na saúde, na educação, no trabalho, no espaço de segurança, enfim, na sua trajetória de vida” (PERLIN & VILHALVA, 2016). Alguns fragmentos de histórias são trazidos pela autora:

eu não tenho intérprete quando estou... eu tenho que ir junto com minha mãe na consulta e ela sabe sobre minha doença, eu não sei nunca porque ela resume tudo que ouve,

o meu filho estuda na integração e, como mãe, não tenho intérprete nas reuniões, me sinto como peixe fora da água,

o marido me batia, no casamento anterior, porque eu não o entendia, “como ligar para a delegacia da mulher, lá não tem intérprete, comunicação por vídeo, nada para nós que usamos libras.

De um modo geral, a mulher surda é vista como incapaz para diversas atividades da vida diária, essa é uma postura que prevalece

socialmente. Do mesmo modo, como os espaços educacionais apresentam sérios problemas para as mulheres surdas, a situação também se agrava nos espaços de saúde, como exemplo: a esterilização sem consentimento.

A comunidade, recentemente, busca trabalhar alguns aspectos de empoderamento, entre eles, referente, principalmente, ao reconhecimento de sua língua e de sua cultura. Esse aspecto está sendo consolidado em várias universidades, entre elas, destaca-se a UFSC. A UFS (onde trabalhamos atualmente) também, no ano de 2018, formou a primeira turma de letras em libras. Nela se formaram duas alunas surdas, que agora estão no mercado de trabalho. Nesse contingente formado em várias universidades federais, resultado do projeto da Casa Civil – Viver sem limites, 2011-2014 – já temos mulheres surdas em destaque como professoras nas instituições públicas e privadas. Na própria UFS, uma professora surda do departamento está se doutorando.

No contexto da convocação a que fizemos referência, alguns elementos foram apontados como necessários para promover o empoderamento da mulher surda. Destaco a seguir os referentes à gênero e educação; à política em relação à ciência, à cultura e à comunicação.

a. Elementos para políticas referentes a gênero e educação da mulher surda

- acesso das mulheres surdas à educação bilíngue desde a creche ao ensino superior com professor bilíngue, intérpretes e livros traduzidos para língua de sinais;
- questões referentes ao gênero na educação de mulheres e meninas surdas com vistas a mudar a educação tradicional e a facilitar a participação com igualdade entre homem e mulher surdos.

b. Elementos para políticas: ciência, cultura e comunicação

- o acesso à educação – mulheres surdas na inclusão, conforme relatos, a abandonam por ser difícil.
- questões de feminismo a discutir entre as mulheres surdas, convidando a outras formas de pensamento e a revolucionar normas até aqui masculinas;

- a análise das tradições sociais, psicológicas e econômicas que governam o pensamento da maior parte das famílias, que influenciam particularmente a condição da mulher surda e o seu papel na sociedade, a fim de compreender as questões que afetam a condição e os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres bem como compreender esses movimentos e a implementação de melhorias para a situação das mulheres surdas nos países latino-americanos em que vivem;
- associação de mulheres surdas: como exemplo, as mulheres de terceira idade;
- colocar vídeos com as informações em língua de sinais para as mulheres surdas no site da IV Conferência, bem como da Secretaria de Políticas para as Mulheres – Órgão do Governo.

Essas questões de vulnerabilidade precisam ser discutidas por várias áreas e nossa área das letras não se nega a este debate. A análise crítica do discurso se mostra consolidada com trabalhos que contemplam estas questões e aspectos teóricos que sustentam a discussão. Teun Adrianus Van Dijk (2003) sustenta o posicionamento que devemos nos opor à desigualdade social. Consolidando esta visão, o mesmo autor em 2008, afirma

A reflexão acerca do papel dos acadêmicos na sociedade e na *polis* transforma-se em uma parte inerente da tarefa proposta pela análise do discurso. Isso talvez signifique, entre outras coisas, que os analistas do discurso orientam suas pesquisas em *solidariedade* e *cooperação* com os grupos dominados. (VAN DIJK, 2008, p. 114, itálico do autor, negrito nosso)

Trabalhar com a comunidade surda, pesquisar este grupo vulnerável, é minha resposta de solidariedade e cooperação, como analista crítica, comprometida com este grupo que passou muito tempo da sua história dominado pela visão de mundo dos ouvintes, que viveu e vive uma longa história de exclusão, exclusão acadêmica, exclusão da vida, de maneira geral.

3. *Socioanálise e mudança social sob a contribuição da abordagem sociológica e comunicacional do discurso*

As narrativas de vida ou do *eu* são ricos materiais para seguir as hipóteses da socioanálise (BAJOIT, 2013), apresentando-as literalmente:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

1. A prática das relações sociais, socializando o indivíduo, o incita a engajar-se num destino social.
2. O engajamento no seu destino social desperta nele expectativas relacionais de reconhecimento social e de realização pessoal: algumas são satisfeitas, outras são menos, ou não o são.
3. As expectativas satisfeitas formam o núcleo central da sua identidade; aquelas que são insatisfeitas alimentam tensões existenciais nas zonas periféricas dessa identidade.
4. Certas condições fragilizam a sua identidade e produzem mal-estares identitários que o incitam a questionar novamente o destino no qual ele está engajado.
5. O indivíduo constrói então uma narrativa do sujeito, pela qual ele explica para si mesmo o seu mal-estar identitário e projeta o que ele considera fazer para o aliviar.
6. Ele constrói as razões do sujeito: as suas motivações para passar ao ato e as resistências que se lhe opõem.
7. Ele implementa recursos psíquicos que enfraquecem as suas resistências e lhe permitem executar atos libertadores.
8. Ele passa ao ato: ele redefine mais ou menos profundamente as suas relações sociais... e ele paga o preço da sua libertação sempre parcial!

Quanto à contribuição da análise sociológica e comunicacional do discurso (PEDROSA, 2016, 2018) para os estudos em mudança social será com base na sociologia para a mudança social (SMS) (BAJOIT, 2006, 2009, 2013) e na sociologia aplicada à mudança social (SAMS). (SACO ÁLVAREZ, 2012)

A dinâmica das mudanças sociais, de acordo com Alberto Saco Álvarez (2006), apresenta três grandes etapas:

- 1- iniciação à mudança: quando há identificação da mudança no sistema;
- 2- ação orientada à mudança: compõe-se uma série de objetivos e estratégias que têm o objetivo de verificar os problemas estruturais que foram identificados;
- 3- transferência e consolidação da mudança: refere-se tanto ao reforço quanto a conservação das mudanças promovidas no sistema.

Ainda, quanto à direção das mudanças, estas podem ser: a) a partir de movimentos de dentro para fora (endógena)\ de fora para dentro

(exógena) e b) mudanças a partir de movimentos de cima para baixo (descendente)/de baixo para cima (ascendente)”.

Da sociologia para mudança social, a análise sociológica e comunicacional do discurso, com base nos trabalhos de Guy Bajoit (2008, p. 252, tradução nossa), temos o seguinte quanto às mudanças:

1. mudança das coações pelas quais se resolvem os problemas vitais da vida comum;
2. mudança dos princípios de sentido invocados para legitimar estas coações;
3. mudança das identidades coletivas que resultam da prática das relações sociais;
4. mudança das lógicas de gestão de si, pelas quais os indivíduos resolvem as tensões que atravessam essas identidades coletivas e constroem suas identidades pessoais;
5. mudança das lógicas de ação nas quais se comprometem, individualmente ou coletivamente.

Este percurso teórico, juntamente com o metodológico norteará as análises.

4. Caminho metodológico

Como material de análise, selecionamos uma narrativa de vida de sujeito surdo, coletada em 2013/2, semestre, quando teve início, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o curso de letras-libras\língua portuguesa como segunda língua. Antes de elaborar as narrativas, solicitei aos surdos que preenchessem uma ficha que mapeava um pouco da ideia de pertencimento à comunidade surda e seus dados socioeconômicos. Quanto ao texto introdutório do *Currículo Lattes*, esses são facilmente acessados na página da plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Quanto à questão ética da pesquisa, para a primeira coleta, elaboramos uma autorização de uso do material, respeitando-se o anonimato, que foi assinado pelos surdos que participaram da pesquisa. O segundo texto é de acesso público.

Fizemos uso de uma metodologia aplicada, qualitativa e sob a

perspectiva interpretativista. O uso da análise linguística será com base em uma gramática descritiva, a gramática sistêmico-funcional (GSF), considerando que as análises, em análise crítica do discurso, devem contemplar tanto o linguístico quanto o social (WODAK & MEYER, 2003; FAIRCLOUGH, 2008; PEDROSA, 2013). Nesse contexto, a análise percorrerá categorias que vão do linguístico ao social, mas enfatizando o evento social.

Sobre a linguística sistêmico-funcional, referendamos Michael Alexander Kirkwood Halliday (2004). Ele apresenta que a proposta de se estudar a língua conforme uma visão de uso e não de normas é baseada em três metafunções: ideacional, interpessoal e textual. Segundo Elsa Ghio e María Delia Fernandez (2005, p. 159), as metafunções se localizam no nível da gramática (concepção de uso) e da semântica e que

... essas três dimensões da estrutura semântica constroem a cláusula. Como representação, a cláusula constrói algum processo de experiência humana do mundo. Como intercâmbio, a cláusula implica uma transação entre falante e ouvinte ou audiência. Como mensagem, comunica uma determinada quantidade de informação (GHIO & FERNANDEZ, 2005, p. 79).

No campo deste artigo, o foco será nos aspectos avaliativos das produções de mulheres surdas, escritas em língua portuguesa. Desse modo, em termos gerais, trabalharemos com a metafunção interpessoal. E a avaliabilidade corresponde à maneira como usuários de uma língua, a partir de seu conhecimento linguístico (também em L2) e respeitando os contextos de cultura e situação, fazem uso dos recursos da língua (que tenha conhecimento, ou que tenha algum domínio, lembrando que estamos pensando nos surdos escrevendo em língua Portuguesa como L2) para emitir avaliação. (ALMEIDA, 2010; VIAN JR, 2010)

O sistema da avaliabilidade se estrutura a partir de três subsistemas: atitude, gradação e engajamento. Já os três tipos de atitude são: afeto (emoção), responsável pela expressão de sentimentos e de emoções; julgamento (ética), tipo de categorização utilizada para avaliar pessoas; e apreciação (estética), classificação usada para indicar a avaliação de coisas.

Passemos às análises.

5. As mulheres surdas brasileiras e os caminhos das práticas de resistências em sua educação

O tópico anterior contextualizou sobre o desafio da mulher surda

em relação a sua inclusão no sistema educacional, bem como em outros aspectos da vida social. Abaixo, vamos trabalhar dois tipos de gênero (narrativas de vida e texto introdutório do *Currículo Lattes*), a fim de atingir o objetivo geral deste artigo: verificar como as narrativas da vida e o texto introdutório do *Currículo Lattes* demonstram as decepções e vitórias da comunidade surda em relação à sua educação.

5.1. Narrativas de vida

A narrativa abaixo é uma interpretação de si mesmo que o sujeito faz (RICOEUR, 2013). Só ele pode interpretar o que lhe sucedeu.

1 A vida hoje é difícil pra tudo, mas temos que enfrentar esse desafio pra sobreviver na sociedade que tem preconceito com deficiente, mas é possível conquistar tudo que deseja com força de vontade. A minha vida na escola foi muito difícil porque fui excluída na sala por amigos e professores por tem dificuldade de aprendizagem e só conseguir aprender a ler e escrever porque minha mãe pagou uma aula particular, então acredito que nem toda família tem condições de pagar uma aula por fora.

Atualmente curso ciências contábeis por vocação e vontade de tem uma carreira fixa e letras libras para mostrar que os surdos são capazes tem aprenderem e basta os professores oferecerem uma educação especial. (UFRN, Letras-Línguas/Língua Portuguesa como 2ª Língua, agosto 2013). (*sic*)

Ulrich Beck (1997) afirma que os indivíduos são construídos através de interações discursivas, através de narrativas de vida ou do eu. É exclusivamente através do pensamento narrativo que o sujeito atribui sentido a sua própria experiência. Para Jairo Gómez Esteban (2006), a narrativa tem um papel crucial de intermediar o mundo da cultura e o mundo mais individual das crenças, valores, e as esperanças do sujeito.

Através da cognição narrativa e suas alternativas de *conceitualização* ou de ver o mundo, os sujeitos se expressam, seja por finais tristes, ou mesmo pelos absurdos de suas histórias – “A minha vida na escola foi muito difícil porque fui excluída na sala por amigos e professores”. Vejamos que a lexia “excluída” traz a marca social do “ser mulher”; mas muito além, traz a trajetória social dos surdos, das surdas.

Como podemos acompanhar na narrativa acima, resgatamos *a voz do sujeito* por meio de várias interpretações de si mesmo, nas palavras de Paul Ricoeur (2013, p. 02), “o conhecimento de si próprio é uma interpretação”: “A vida hoje é difícil pra tudo, mas temos que enfrentar esse desafio pra sobreviver na sociedade que tem preconceito com deficiente”, “tem

dificuldade de aprendizagem”; “só conseguir aprender a ler e escrever porque minha mãe pagou uma aula particular”; “acredito que nem toda família tem condições de pagar uma aula por fora”. As narrativas sobre si mesmo são uma forma de estratégia para fazer frente ao seu mal-estar identitário, ou identidade narrativa. Na enunciação discursiva, o sujeito retrata uma sociedade preconceituosa, uma escola que não enfrenta suas responsabilidades, transferindo para a família a escolarização de seus filhos. O sujeito é bem consciente do aspecto econômico que envolve a maioria dos surdos, a pobreza, a falta de recursos para complementar a educação de seus filhos marginalizados por um sistema incompetente. Um sistema que prega inclusão, porém está longe das práticas inclusivas.

Tomando por base os trabalhos do sociólogo Guy Bajoit (2012), indicamos alguns tipos de narrativas: narrativas de compreensão e narrativas de alívio. As narrativas de compreensão têm o objetivo de “explicar para si mesmo o que lhe aconteceu”. As narrativas de alívio podem ser do tipo: de avaliação, de desistência, de compensação ou de perseverança. Nas palavras do próprio autor:

o indivíduo avalia a importância do seu mal-estar e pode então considerar desistir de satisfazer as expectativas relacionais com as quais se sente frustrado, de compensar a insatisfação de uma pela satisfação da outra ou de perseverar no seu esforço para obter o que ele espera.

Pela narrativa em análise, o sujeito persevera no seu esforço, mesmo diante de tanta dificuldade, na sua voz: “mas é possível conquistar tudo que deseja com força de vontade”; “Atualmente curso ciências contábeis por vocação e vontade de tem uma carreira fixa e letras libras para mostrar que os surdos são capazes tem aprenderem”. Claramente se identifica suas práticas de resistência, construindo, assim, sua identidade cidadã, mesmo quando o sistema educacional lhe nega isto. Este posicionamento de resistência, de luta faz parte da história de várias mulheres surdas.

Pelos caminhos da socioanálise, observa-se que em sua narrativa de vida (h 5), o sujeito mesmo estando inserido em “um destino social” (h 1), questiona sua situação e busca confrontar sua situação social a fim de suplantarm seu mal -estar identitário: “A minha vida na escola foi muito difícil porque fui excluída na sala por amigos e professores por tem dificuldade de aprendizagem” (h 2, 3 e 4); assim, constrói as motivações para vencer e passar aos atos de libertação das amarras de injustiças, mesmo que tenha que pagar um preço por sua vitória: “atualmente curso ciências contábeis por vocação e vontade de tem uma carreira fixa e letras libras

para mostrar que os surdos são capazes tem aprenderem” (h 6, 7 e 8, vide a descrição das hipóteses acima).

Passemos ao segundo gênero textual:

5.2. Texto introdutório do Currículo Lattes

Karin Lilian Strobel <<http://lattes.cnpq.br/6652911914719737>>. Última atualização do currículo em 02/12/2018

Durante quase 25 anos eu trabalhei como professora de surdos em escolas de surdos na cidade de Curitiba-PR e por 10 anos fiz parte de equipe pedagógica de DEE/SEED (Secretaria de Educação do Paraná). Doutora na área de educação em Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (bolsista CNPq), formada em pedagogia da UTP (Universidade Tuiuti do Paraná) e com especialização em área de surdez. Autora do livro: As imagens do outro sobre a cultura surda, editora UFSC, Florianópolis, 1ª ed. 2008, 2ª ed. 2009, 3ª ed. 2014 e 4ª ed. 2016. O livro traz uma série de questionamentos e reflexões acerca da forma como a sociedade vê os indivíduos surdos. Um deles diz respeito à cultura e à existência de um “povo surdo” ou de uma “comunidade surda”. Atualmente faço parte de equipe de Letras/Libras da UFSC como professora das disciplinas “Fundamentos de Educação dos Surdos”, “História de Educação dos Surdos”, “Metodologia de ensino de libras como Língua 1”, “Metodologia de ensino de Literatura surda” e outras disciplinas afins e também assumi a coordenação geral de Letras Libras desde 2013. Tenho experiência com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: língua de sinais, educação, surdos, lingüística e metodologia de língua de sinais. Como mulher surda que também protagonizou muito dos momentos históricos que são resgatados durante a trajetória de vida, tanto como “surda” quanto profissional da área, pretendo realizar muitos projetos que retrate positivamente e vitoriosamente em prol aos movimentos surdos! (sic)

Aos comentários e análise do texto do currículo, acrescentaremos trechos de uma entrevista com a Profa. Dra. Karin Lilian Strobel.²

Logo no início do texto do currículo, sabemos que desde a década de 1990, uma média de 3 anos após concluir o ensino médio que Karin Strobel é ativista em relação a causa surda (entrevista: “Contato com a Feneis se iniciou em 1994, quando o ex-presidente Antonio Campos me convidou para fazer parte da chapa dele como diretora vice-presidente dos Profissionais da Área e depois como fundadora e diretora regional do escritório Feneis-PR.”). Contudo sua “iniciação à mudança” ocorre na

² <https://www.editora-arara-azul.com.br/revista/03/perfil.php>. Entrevista com Karin Strobel (acesso em 05/09/2019).

adolescência quando entra em contato com a libras (“O meu primeiro contato com a língua de sinais aconteceu na adolescência, com quinze anos” – da entrevista com Karin Strobel em site de Ararazul). Segue suas práticas de resistências (ações orientadas à mudança) ao direcionar sua intelectualidade para a causa surda (trabalho, estudos, publicações na área da surdez).

Ela mesma confirma sua participação nas mudanças sociais quando diz: “Como mulher surda que também protagonizou muito dos momentos históricos que são resgatados durante a trajetória de vida”. O processo verbal material (gramática sistêmico-funcional) que protagonizou aponta para uma escolha lexical que revela a ação e o sujeito da ação como protagonista.

Muitas das mudanças em melhoria do povo surdo vieram em resposta a movimentos de dentro para fora (endógeno) e de baixo para cima (ascendentes), segundo classificação de Alberto Saco Álvarez (2006).

Analisando as mudanças com base na proposta do sociólogo Guy Bajoit, podemos acompanhar como “as mudanças das identidades coletivas que resultam da prática das relações sociais afetam a vida e as construções das identidades individuais”. Em informações advindas da entrevista já indicada, diz ela:

Uso minhas próprias experiências da infância não somente como aluna surda, sim como ‘ser surda’ para lutar pelo povo surdo o direito de nos escolhermos a língua e de construção de identidades sem a imposição ‘normalizadora’ da sociedade que impõe aos sujeitos surdos que sejamos ‘normais’, isto é, que falemos e ouçamos para que sejamos aceitos na vida social.

Hoje me considero uma adulta guerreira da vida com um corpo surdo mais forte com uma ancoragem positiva de identidade surda.

A quase consolidação da mudança pode ser identificada em um fragmento de sua entrevista: “Pelo que tenho observado até agora pelas políticas públicas brasileira na área da educação dos surdos, percebo que os caminhos nesta área estão bem encaminhados”. Indicamos *quase* porque julgamos que ainda há um caminho a percorrer, fato que pode ser corroborado com as palavras que a professora encerra sua entrevista:

Surdos, sejam persistentes e nunca desistam dos seus sonhos, arregacem as mangas e vão à luta com toda a coragem... Não deixem as pessoas dizerem a vocês: “vai ser difícil vocês conseguirem” ou “você não podem fazer...”, se é algo que vocês querem, acreditem em si mesmos e vão à frente! Lembrem-se: Não há vitória sem luta e não há luta sem coragem”.

6. (In)conclusão: ainda temos caminho a percorrer

Conforme diz o antropólogo social Pablo Ortúzar (2016), toda sociedade produz, pela exclusão, suas próprias vítimas. Por isso cabe a nós, numa perspectiva não só acadêmica, porém também social, trabalhar para que esta situação seja revertida.

É necessário haver justiça social na área educacional. Não só pelo viés da igualdade, mas sobretudo de equidade. A igualdade já não satisfaz as diferenças entre os cidadãos de uma sociedade.

Começemos pela solidariedade como nos convoca a análise crítica do discurso. Contudo, vamos além a fim de atingir o objetivo primário: defender os grupos vulneráveis. Unir-nos aos surdos em sua resistência por uma educação bilíngue de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Pereira. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. In: VIAN JR, Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Pereira. (Orgs.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João, 2010.

BAJOIT, Guy. *Vers une théorie socio-analytique de la relation sociale / Para uma teoria socioanalítica da relação social*. Trad.: Marcos Tindo. [Texto cedido gentilmente, por e-mail, pelo autor, 2013].

_____. La tiranía del “grand ISA”. *Cultura y Representaciones Sociales*. Ano 3, n. 6, p. 9-24, março de 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/crs/v3n6/v3n6a1.pdf>>. Acesso em: 11-12-2019.

_____. *El cambio social, análisis sociológico del cambio social y cultural en las sociedades contemporáneas*. Madrid: Siglo, [2003] 2008.

_____. *Tudo muda: proposta teórica e análise da mudança sociocultural nas sociedades ocidentais contemporâneas*. Lisboa: Unijai, 2006.

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. Cap. 1. In: BECK, Ulrich, GIDDENS, Antony, LASH, Scott. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: UNESP, 1997.

ESTEBAN, Jairo Gómez. La formación de sujetos sociales y el

aprendizaje ciudadano. In: ESTEBAN, Jairo Gómez et al. *Estructura, tiempo y sujeto: nuevos recursos para la discusión interdisciplinaria*. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2006.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2008 [2001].

FONTANA, Mônica Graciela Zoppi; FERRARI, Ana Josefina. Apresentação: uma análise discursiva das identificações de Gênero. In: ____; ____ (Orgs.). *Mulheres em discurso: identificação de gênero e práticas de resistência*. Vol. 2. São Paulo: Pontes, 2017. p. 07-20.

GHIO, Elsa; FERNÁNDEZ, María Delia. *Manual de lingüística sistêmico funcional: el enfoque de M. A. K. Halliday & R. Hasan – aplicaciones a la lengua española*. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 2005.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *An introduction to Functional Grammar*. Revisão de Christian Mathias Ingemar Martin Matthiessen. 3. ed. London: Edward Arnold, 2004.

NORONHA, Raquel. A mulher no discurso empresarial na mídia. In: FONTANA, Mônica Graciela Zoppi; FERRARI, Ana Josefina (Orgs.). *Mulheres em discurso: identificação de gênero e práticas de resistência*. Vol. 2. São Paulo: Pontes, 2017. p. 23-41.

PERLIN, Gladis; VILHALVA, Shirley. Mulher Surda: elementos ao empoderamento na política afirmativa. *Revista Forum – INES*, Rio de Janeiro, n. 33, 2016. Disponível em: <http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=27&idart=453>. Acesso em: 05-09-2019.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. Análise crítica do discurso: pesquisas e contribuições sociais. In: RAMALHO, Christina Bielinski; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. *Estudos linguísticos e literários: edição comemorativa 10 anos do Programa de Pós-graduação em Letras da UFS*. Aracaju: Criação, 2018, p. 153-178.

_____. Análise crítica do discurso e a proposta da corrente nacional: da abordagem às primeiras pesquisas. In: KALLARRARI, Celso; BESSA, Décio; PEREIRA, Aline Santos (Orgs.). *Estudos linguísticos e formação docente*. São Paulo: Pontes, 2016.

_____. Abordagem sociológica e comunicacional do discurso, uma proposta para fazer análise crítica do discurso. In: SÁ JÚNIOR, Lucrécio

Araújo de; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. *Práticas discursivas e ensino de língua(gens)*. Natal: Edufrn, 2014. p. 15-58.

_____. A socioanálise e a abordagem sociológica e comunicacional do discurso: caminhos de análise em análise crítica do discurso. Trabalho apresentado na mesa-redonda da ABRALIN: análise crítica do discurso e os caminhos de análise. *VIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística*. Natal: UFRN, 30/01 – 02/02/2013.

_____. *Abordagem sociológica e comunicacional do discurso (ASCD): uma corrente para fazer análise crítica do discurso*. PARTE 1: Herança teórica da sociologia (aplicada) para a mudança social. Natal: UFRN, 2012. Texto fundador. Disponível em: <www.ascd.com.br>. Acesso em: 05-09-2019.

RESENDE, Viviane de Melo. Análise de discurso crítica: reflexões teóricas e epistemológicas quase excessivas de uma analista obstinada. In: ____; REGIS, Jacqueline Fiuza da Silva (Orgs.). *Outras perspectivas em análise de discurso crítica*. São Paulo: Pontes, 2017. p. 11-51.

RICOEUR, Paul. *A simbólica do mal*. Trad.: Hugo Barros e Gonçalo Marcelo. Lisboa: Edições 70, 2013.

SACO ÁLVAREZ, Alberto. *Sociología aplicada al cambio social*. Madrid: Andavira, 2006.

STROBEL, Karin Lilian. Mulheres surdas que fazem história. *Revista da FENEIS*, n. 32. Disponível em: <<https://issuu.com/historiadesurdos.blogsp.com/docs/revfeneis32>>. Acesso em: 05-09-2019.

VAN DIJK, Teun Adrianus. *Discurso e poder*. Orgs.: Judith Hoffnagel e Karina Falcone. São Paulo: Contexto, 2008.

VIAN JR, Orlando. O sistema de avaliatividade e a linguagem de avaliação. In: VIAN JR, Orlando; SOUZA, Anderson Alves de; ALMEIDA, Fábola Aparecida Sartin Dutra Pereira. (Orgs.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João, 2010. p. 19-30.